



**INSTITUTO
FEDERAL**
Minas Gerais

Campus
São João
Evangelista

Guia

Antropológico

Angelândia

Materlândia

São João Evangelista

Guanhães

Sardoá

Região dos
3 Morros

Gororós

Cantagalo

Pecanha

Virginópolis

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS - IFMG
CAMPUS SÃO JOÃO EVANGELISTA – SJE**

**COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA**

Comitê Científico (Avaliação/Revisão)

José Fernandes da Silva
Marcelo Augusto Filardi
Rejane Valéria Santos
Viviane Lima Martins
Walmisson Régis de Almeida

Organizadora

Sandra Regina do Amaral

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G943 Guia Antropológico. [recurso eletrônico] / Sandra Regina do Amaral (organizadora). – São João Evangelista: Instituto Federal de Minas Gerais campus SJE, 2021.

43 p.; il. color.

E-book, no formato PDF.
ISBN 978-65-5876-154-9

1. Cultura. 2. Patrimônio Material. 3. Patrimônio Imaterial.
I. IFMG SJE. II. Amaral, Sandra Regina do. III. Título.

CDD 306
CDU 316

Catalogação: Rejane Valéria Santos - CRB-6/2907

Apresentação

Com o objetivo de aprofundar saberes e socializar os modos de vida e as relações humanas em seus aspectos históricos, sociais e ambientais, 43 pesquisadores, alunos dos Cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas e Licenciatura em Matemática do IFMG - *campus* São João Evangelista, estabeleceram um estudo antropológico com vistas a relatar e registrar a cultura local de São João Evangelista e outras oito cidades consideradas, por eles, próximas.

O olhar antropológico foi construído através de fatos, memórias, objetos, lugares e pessoas, o que nos permitiu conhecer um pouco dos patrimônios materiais e imateriais de Angelândia, Cantagalo, Gororós, Guanhães (Centro e Região dos 3 Morros), Materlândia, Peçanha, São João Evangelista, Sardoá e Virginópolis, num processo de busca de valorização dos costumes e da identidade da cultura popular dessas pitorescas cidades do interior de Minas Gerais.

Esperamos, com a construção deste Guia, socializar, por meio das informações, histórias, imagens e/ou curiosidades da vida social em diferentes contextos culturais, uma narrativa sobre experiências individuais e coletivas, que constituem de algum modo a história dos autores.

Sandra Amaral



Fonte: Google maps rotas.

Sumário

Angelândia	03
Cantagalo	06
Gororós	09
Guanhães	12
Guanhães – Região dos 3 Morros	18
Materlândia	22
Peçanha	25
São João Evangelista	29
Sardoá	33
Virginópolis	39
Considerações finais	42

Angelândia

As riquezas culturais e naturais de Angelândia

Alice da Costa Duarte
Antônio Nunes Martins
Denner Rocha da Silva
Estéfani Costa do Carmo
Isadora Morgana Medeiros Braga

Cavalgada Amigos para Sempre

A Cavalgada, realizada no mês de maio, na cidade de Angelândia-MG, originou-se por iniciativa dos munícipes, mais particularmente do funcionário da prefeitura Manoel Rodrigues. Nenzinho, como ele era conhecido, organizava a cavalgada por conta própria e convidava seus amigos de Angelândia e das cidades próximas para fins de entretenimento.

Em 2005, Nenzinho veio a falecer em um acidente. Seus amigos e demais participantes da cavalgada, que acontecia todos os anos, prosseguiram com a tradição. Em 2006, em homenagem ao Saudoso Nenzinho, o evento foi batizado de “Cavalgada Amigos para Sempre”, completando em 2020 quatorze anos de tradição.

Festa do Café

A Cafeicultura é a principal atividade econômica de Angelândia. Por iniciativa da Prefeitura, a Festa do Café tornou-se uma homenagem aos cafeicultores da região e uma importante atividade de lazer, não apenas aos trabalhadores do café, mas para os munícipes e moradores de cidades vizinhas.

Em 2019, foi realizada a XII Festa do Café. No ano de 2020, devido às restrições impostas pela pandemia do COVID-19, não aconteceu o evento tão esperado.

Imagem 1: Cartaz de divulgação da V Festa do Café (2012)
Foto: Acervo de Dêga Fernandez¹



¹ Disponível em: <https://degaangelandia.blogspot.com/2011/06/festa-do-cafe-em-angelandia-mg.html>



Cachoeira Alto dos Bois

Alto dos Bois é polo turístico, histórico e paisagístico, que faz parte da história de Minas Gerais, especialmente das cidades de Angelândia, Capelinha, Minas Novas, Teófilo Otoni, Malacacheta e muitas outras cidades da região do Vale do Alto Jequitinhonha, Mucuri e Rio Doce.

Quando se fala em Alto dos Bois, vem logo a nossa mente saudosas lembranças do passado, da história do Vale Alto Jequitinhonha, de Minas Gerais e do Brasil e das riquezas minerais que ali existiram, do sonho de ficar rico com a descoberta do ouro e diamantes, do então povoado do Fanado das Minas Novas, de tornar-se um próspero fazendeiro, comerciante, ou mesmo conseguir um pedaço de terra naquelas lindas paragens e construir ali a morada da família (Dêga Fernandez).

Imagem 2: Cachoeira Alto dos Bois
Foto: Acervo de Dêga Fernandez

Porém, em diálogo com alguns moradores da cidade, percebemos que o local foi abandonado pelo poder público, pois a estrada original que dá acesso ao Alto dos Bois, via Angelândia, passando pelas Comunidades de Sapé-Timirim e Córrego do Engenho, a apenas 13 km do centro da cidade, está intransitável devido às condições de seis mata-burros feitos de madeira por moradores da região.

Os mata-burros estão quase todos quebrados, e os poucos motoristas que arriscam a travessia fazem manobras perigosas. Comenta-se que o veículo de um grupo de Professores e Pesquisadores da UFMG-BH acabou caindo em um mata-burro, ficando preso no buraco por duas horas. Para não se arriscarem, moradores e visitantes são obrigados a fazer uma volta de 10 km, passando por um povoado próximo de Santo Antônio dos Moreiras.

Imagem 3: Acesso ao Alto dos Bois, via Angelândia
Foto: Acervo de Dêga Fernandez



Casarão Alto dos Bois

“O casarão da Fazenda Alto dos Bois, datado de 1729, foi originalmente construído com o propósito de se instituir aí um destacamento militar destinado a controlar o contrabando de ouro, além de reprimir ações hostis dos índios “botocudos” contra os integrantes de levadas e levadas de mineradores que adentravam então os vales dos rios Jequitinhonha e Mucuri, invadindo sistematicamente os domínios territoriais indígenas (...).”
(RODRIGUES; DEUS; BARBOSA, 2012)²

O Casarão (que possui 22 quartos), atualmente usado como habitação, compõe o cenário de uma situação triste e curiosa. Segundo Dêga Fernandez, um morador, em um ar de desabafo e denúncia, contou que há quase 15 anos uma pessoa, se passando por representante e funcionário da Prefeitura de Angelândia, retirou e levou consigo várias fotos antigas, documentos e pertences de antigos moradores, alegando o propósito de fazer o tombamento histórico de Alto dos Bois, e que em breve devolveria tudo. A pessoa chegou a fazer promessas de emprego, mas nunca voltou, e até hoje nada foi feito, nada foi devolvido.



Imagem 4: Casarão (2015)
Foto: Acervo de Dêga Fernandez

² Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/04.pdf>.

Cantagalo

Saberes e Sabores!

A cidade recebeu esse nome em homenagem a um tropeiro que era conhecido e muito querido por todos, chamado Cantagalo, depois que esse veio a falecer por volta de 1990. Foi emancipada de Peçanha em 21 de dezembro de 1995. Embora seja relativamente um pequeno município nos arredores de São João Evangelista e Peçanha, tem muita história e cultura a oferecer.

Em 2013, quando completava 18 anos, foi destaque na mídia com a manchete “Especial Cidade: conheça a bela história da cidade que tem apenas 18 anos de idade”³, uma reportagem que contou um pouco de sua história.

Dentre seus patrimônios históricos, está a Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, construída em 1946, que recebeu o nome da padroeira da cidade e foi tombada pela Prefeitura Municipal de Cantagalo em 2009⁴.

Uma das qualidades da região é preservar saberes, sabores e valores, passados de geração em geração, como contam Maria do Socorro e Lurdinha.



Imagem 5: Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição (2020)
Foto: Matheus José Claudino Coelho

³ SITE. Globo.com. MG-TV. Especial Cidade: conheça a bela história da cidade que tem apenas 18 anos de idade. Disponível em: <http://g1.globo.com/mg/vales-mg/mgintertv-2edicao/videos/v/especial-cidade-conheca-a-bela-historia-da-cidade-que-tem-apenas-18-anos-de-idade/2566724/>.

⁴ SITE. Ipatrimônio. Patrimônio Cultural Brasileiro (beta). Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/cantagalo-igreja-matriz-nossa-senhora-da-conceicao>.

Maria do Socorro Rocha

Maria do Socorro Rocha, 78 anos, nascida em São Pedro do Suaçuí, mas moradora de Cantagalo há aproximados 61 anos.



Imagens 6 e 7: Maria do Socorro (1999 e 2020)
Fotos: acervo de Matheus José Claudino Coelho

➤ Mudanças ao longo dos anos

Segundo Maria do Socorro ela não tem nada do que reclamar. As coisas mudaram

bastante, mas de uma forma boa pois, antigamente, era tudo muito difícil, principalmente para trabalhar e criar a família. Ela relata que muitas vezes as pessoas passavam até fome.

Porém, ela acredita que se a cidade tivesse agências bancárias e hospital seria melhor, pois assim os moradores não precisariam se deslocar para as cidades vizinhas como São João Evangelista ou Peçanha.

➤ Costumes e tradições

Dona Maria do Socorro diz que sente muitas saudades daquela época, quando saiam para rezar nas casas e às vezes tinha um “forrozinho”, e as pessoas se distraiam e dançavam.

Uma das tradições muito comuns que aconteciam na época da seca eram as caminhadas até o cruzeiro. As pessoas levavam garrafinhas de água para jogar nas pedras, que ficavam nos pés do cruzeiro. Além disso, cantavam e rezavam

para São Bernardo e São Sebastião para eles mandarem chuva para a terra.

Alguns artefatos e instalações foram apresentados pela família. Estes são ainda conservados a fim de recordarem e servirem de memórias físicas para as próximas gerações. Por exemplo, o lampião que era usado por Maria do Socorro, na época em que não havia rede elétrica. Ou ainda as panelas de argila (barro), que as crianças confeccionavam para se divertir, pois as famílias não possuíam recursos financeiros para comprar brinquedos. As crianças iam até a beira dos riachos da região e buscavam barro para a confecção das panelinhas.

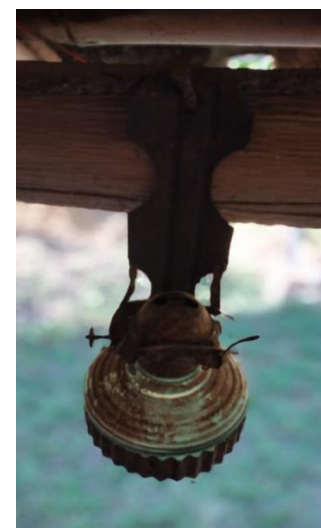


Imagem 8: Lampião a querosene
Foto: Matheus José Claudino Coelho



Imagem 9: Panela de argila
Foto: Matheus José Claudino Coelho

Maria de Lurdes Reis (Lurdinha)

Maria de Lurdes Reis, 47 anos, está no ramo do chocolate há 29 anos, deixando a cidade mais saborosa.



Imagem 10: Lurdinha quando menina
Foto: arquivo pessoal de Lurdinha

Acompanhe-nos agora nesta doce jornada...

Não tão longe do centro da cidade, na zona rural de Cantagalo, encontramos a artesã de chocolates, que trabalha fazendo ovos de Páscoa há quase três décadas. Seus chocolates são de grande prestígio na região onde mora, sendo um dos mais cobiçados e queridos pelas famílias que vivem entre os municípios de Guanhães e Cantagalo.

➤ O ofício

Lurdinha começou a trabalhar com chocolate artesanal ajudando sua mãe aos 18 anos de idade. Segundo ela:

“Esta receita está na nossa família há muitos anos. É quase uma tradição!”

➤ Origem da receita

Como trata-se de uma receita de família, ela aprendeu com sua mãe de criação. Mas com o tempo a receita foi sendo adaptada, inovações e melhorias foram incorporadas, tudo isso pensando em agradar seus clientes.

➤ Demandas

Atualmente, além dos clientes de costume, sua chocolataria atende prefeituras, escolas e particulares, tornando a vida mais saborosa.

Num cantinho desse mundão para muitos é alegria, para outros é paixão!



Imagem 11: Vista do distrito de Gororós (2020)

Foto: Késia Mara

Gororós, distrito de Dom Joaquim, não possui uma historiografia específica e detalhada que fale das primeiras famílias e outros elementos de sua origem. Porém, alguns estudos permitem afirmar que em Gororós, assim como em outras regiões, houve disputa de terra com os nativos, que foram dizimados para dar lugar ao estado português. Os gororosenses possuem uma referência geral na história dos chamados Arraiais (os lugarejos de Minas Gerais), que surgem no contexto da época da mineração. Estes lugarejos serviam, no século XVIII, como pouso para tropas que entregavam mercadorias ou como fazendas destinadas a residência e produção de alimentos para os

trabalhadores da mineração, sendo estes seus objetivos primários.



Imagem 12: Locação do filme Vazante (2015)

Foto: Página do Dezenove Som e Imagem no Facebook⁵

Gororós, apesar de lugarejo de pequeno porte, foi considerado arraial, e abriga ainda hoje grandes casarões no estilo colonial, como o usado na locação do filme Vazante, uma produção que ganhou as telas do cinema brasileiro. As áreas rurais eram autossuficientes e tinham o objetivo de garantir o sustento da área mineradora, que era prioridade na época.

Onde hoje é a área de maior habitação em Gororós, no século XVIII havia uma grande plantação de arroz. A produção era não só para consumo local, mas também

para a região do Serro e Diamantina. Produziam-se também remédios e algodão, além da criação de animais para consumo. As fazendas eram mistas e produziam de tudo. Os seus proprietários doavam pedaços de terras para aqueles que não possuíam condições de terem as suas próprias. Isso resultou na formação de pequenos núcleos urbanos e nestes se realizavam atividades como fabricação de colheres de metal e ferramentas de corte.



Imagem 13: praça Antônio Pedro de Figueiredo, igreja Sant'Ana (2020)

Foto: Késia Mara

Texto produzido a partir da entrevista com Bruno Silva Guerra, 37 anos, Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica_PUC-MINAS.

⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/DezenoveSomImagens/photos/a.359540334101768/806631426059321>.

Comunidade

Quilombola Ascaxar

Maria Aparecida de Jesus Fátima

58 anos de idade, natural de Alvorada de Minas, residente em Gororós desde 1982. Fundadora e Presidente da comunidade quilombola Ascaxar.



Imagem 14: Maria Aparecida (2020)

Foto: Késia Mara

“Trouxe minha cultura de lá para cá, juntei com a cultura do meu marido. (...) Vivemos juntos, cuidando do planeta, da nossa

comunidade, e demais comunidades que podemos ajudar. (...) De tudo a gente planta, o que a nossa comunidade quer comer, a gente planta, (...) temos o milho crioulo, que é muito difícil ter nas regiões, e nós temos. (...) tenho o certificado de “Guardião de semente”, porque eu preservo a minha semente, a minha cultura.”

Tudo é produzido naturalmente? Sem nenhum uso de agroquímico?

“A gente não usa nada químico, a gente planta é com esterco e pulveriza com a urina de vaca. Tudo natural, não podemos usar agrotóxicos, porque agrotóxico contamina o meio ambiente, contamina o que a gente vai comer. Se eu não quero uma coisa ruim pra eu comer, eu não quero para família, para filho, para ninguém.”

Relata ainda que por meio do PNAE abastece cinco escolas, mas que a ação está suspensa por causa da pandemia.

Quantas famílias participam da comunidade?

“Aqui da cachoeira nós somos 25, mas tem o grupo que é concessionado com a gente, da associação quilombola de Ribeirão de Trás, município de Alvorada de Minas. Assim são mais 63 famílias.”

“Eu recebi do governo de Minas um certificado de destaque como maior produtora da região de Dom Joaquim, por causa do desenvolvimento que tem agrupado a

associação Quilombola com o povo. Por que, graças a Deus e a Nossa Senhora Aparecida, eu sou assim, uma pessoa disposta, quando uma pessoa me procura, se é para ajudar, puxamos mais um elo para corrente. E o município tem se mostrado agradecido. E recebi também na câmara municipal, em 2017, um certificado de cidadã honorária do município de Dom Joaquim, através de Fernando Ribeiro Figueiredo, presidente da Câmara Municipal. Recebi também da E.E “Ângelo Ribeiro Miranda”, um certificado de palestrante, em 2011, da Jaqueline Figueiredo, professora da escola. A pedido dela, eu e Gentil Andrade palestramos para os alunos. E também já recebi aqui, na época que Mirian Bernadete Gonçalves estava na direção, a visita dos alunos.”

Filme Vazante: A senhora participou? Como foi a participação da comunidade?

“Eu participei como atriz e com o figurino. Foram tirados da nossa comunidade 17 membros pra gravar o filme. A gente fez a roupa, 64 peças de blusas, 84 peças de calça e 64 vestidos. O meu vestido que eu usei, no papel de negra da senzala, foi produzido por mim. Temos contato até hoje com a equipe, eles ligam, mandam áudio agradecendo. Mas eu acho que a gente aprendeu muito mais com eles, porque a história do filme é da época de 1801, e a gente não sabia nada dessa época, e eles trouxeram isso pra gente, e foi um conhecimento que nada vai tirar da gente. Ajudou muito.”

Filme Vazante

Gravado em 2017, sob direção de Daniele Thomas, o filme contou com a participação de atores como Adriano Carvalho, Luana Nastas e Sandra Corveloni, bem como moradores locais.



Imagem 15: Divulgação do filme (cena com a protagonista)

Foto: Inti Briones⁶

O filme se passa no século XIX, quando o fazendeiro Antônio volta para casa, depois de uma longa viagem conduzindo uma tropa de escravos. Ao chegar, descobre que sua esposa morreu em trabalho de parto. Isolado em uma fazenda que não vinha gerando lucros, ele negocia um novo casamento com a filha de Dona Ondina, a menina Beatriz, enquanto violenta constantemente sua escrava Feliciano. Antônio volta às expedições para negociar

⁶ Disponível em:

<https://www.uai.com.br/app/noticia/cinema/2017/11/09/noticias-cinema,216531/vazante-filme-de-daniela-thomas-aborda-o-periodo-escravocrata.shtml>.

escravos e gado. Sozinha na propriedade, Beatriz se aproxima das crianças escravas. A traição e violência forma um espiral, dando sequência a uma série de eventos⁷.

Festa de Sant'Ana

É uma festa religiosa criada pelos devotos para homenagear, no dia 26 de julho, a padroeira de Gororós. É um grande evento social, cultural e religioso, com origem estimada de noventa à cem anos atrás.

Tradicionalmente inicia-se com a novena em honra à padroeira, dia 17 de julho, que só termina dia 25. No dia 26 é a grande celebração em homenagem à padroeira, ponto religioso culminante, que tem na programação missa, procissão, *show* pirotécnico e apresentação de banda musical.

A festividade possibilita o encontro de familiares, amigos e demais participantes. Conta-se com presença de visitantes, conterrâneos, barraqueiros e cavaleiros, que intensificam o comércio local e regional.

Como é um evento religioso, é planejado e executado de acordo com o pároco. E os *shows* são patrocinados pela Prefeitura Municipal.

A comunidade participa ativamente nas doações e na confecção de enfeites para a rua e a igreja. Os visitantes encontram em

Gororós, do dia 17 a 26 de julho, ruas e praças decoradas, novena, a celebração da santa missa, barraquinha, momento cultural, coroação, levantamento do mastro com a bandeira da santa, *show* pirotécnico, banda musical, quadrilha e muita diversão.



Imagem 16: Festa de Sant'Ana
Fotos: arquivo pessoal de Fernando Ribeiro

⁷ SITE. ADORO CINEMA. Disponível em:

<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-50246/criticas-adorocinema/>.

Guanhães

Bruna Campos de Almeida
Gedeilson Santos Reis
João Nonato Filho
Walefem Souza Rocha

Labor omnia vincit

A frase “Labor omnia vincit” em latim, registrada no brasão da cidade, significa “o trabalho conquista tudo”. Assim como várias outras cidades mineiras, Guanhões foi povoada por bandeirantes e famílias que buscavam extrair ouro e outras riquezas dessa terra. Vale salientar que antes que esses migrantes chegassem à localidade que hoje conhecemos como Guanhões, a mesma já era habitada pelos índios Guanaãs.

Guanhões/MG

- Chamam-se seus habitantes de guanhanenses;
- Extensão: 1075,1 km²;
- Número de Habitantes (conforme senso 2019): 34.319.

8

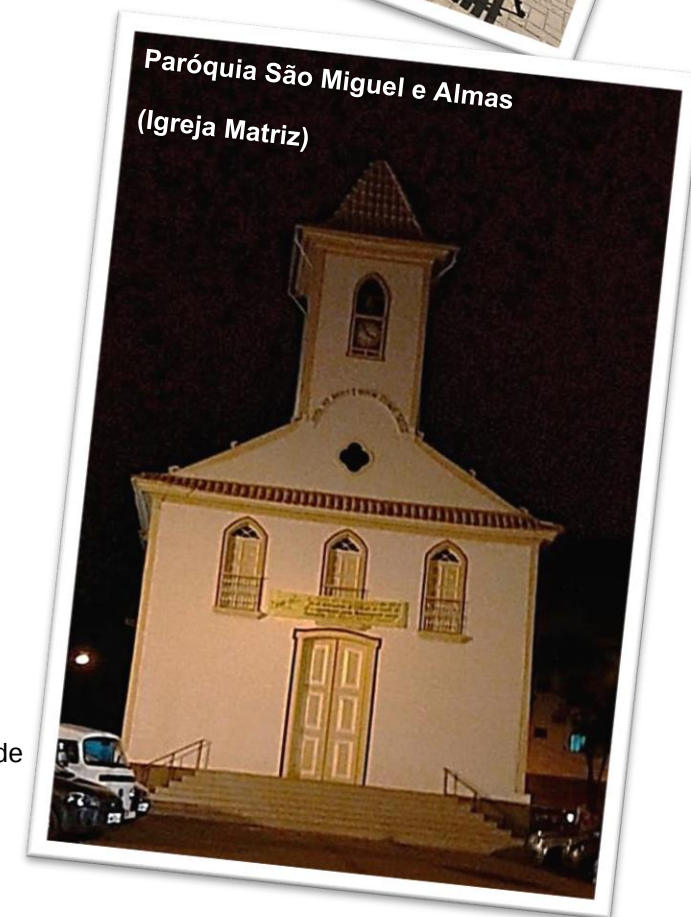
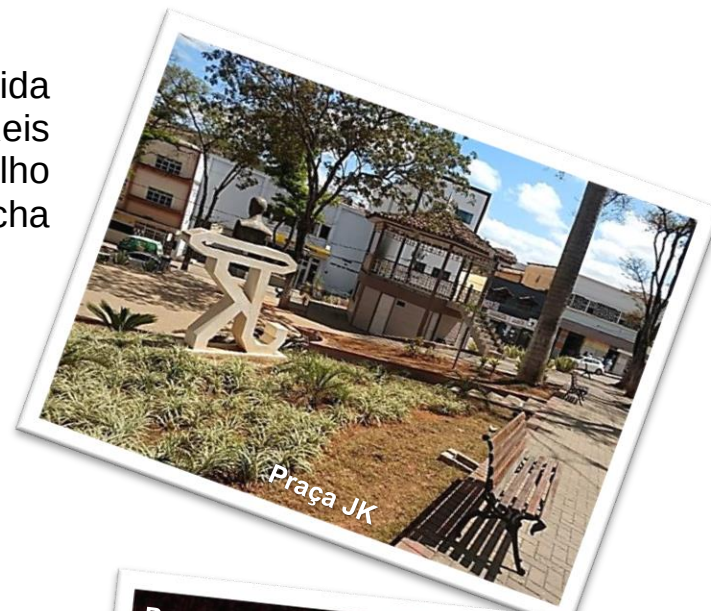
“O substantivo ‘Guanhões’ deriva de Guanaãs, nome da tribo indígena que habitava a região, e se traduz como ‘aquele que corre’. [...]”

Os primitivos habitantes da região onde hoje se acha localizado o Município de Guanhões, foram os índios Guanaãs, de origem tapuia e do grupo selvagem dos Caingangue de Minas Gerais.

Sendo a região habitada pelos índios Guanaãs, principalmente às margens do rio de igual nome, passou então a chamar-se Guanhões.”

(Prefeitura de Guanhões, 2020)⁹

Imagens 17 e 18: Centro da Cidade
Fotos: Walefem Rocha (2020)



⁸ Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-guanhaes.html>.

⁹ Disponível em: <https://guanhaes.mg.gov.br/guanhaes/a-cidade/>.

Guanhães na perspectiva dos moradores

Imagem 19: Maria das Graças (2020)
Foto: Gedilson Reis



Maria das Graças, mais conhecida como Dona Maria
67 anos
Dona de casa
Aposentada
Nasceu em Divinolândia de Minas, mas reside desde a infância em Guanhães

“Era isso: quem podia ajudava [...] e quem não podia também tinha que ser ajudado”

“Meu nome é Maria das Graças, eu nasci em Divinolândia, eu tenho 67 anos. [...] eu fui, ‘como lá diz’, morar com o meu pessoal que veio ‘pra’ aqui [Guanhães] mais para estudar – as meninas já ‘tava’ mais de idade, né – foi por isso que viemos ‘pra’ cá, ‘pra’ Guanhães. E tem muitos anos... minha mãe trabalhou de comerciante, açougueira, o nome dela é [...] Antônia Gomes de Brito; meu pai é José Gonçalves de Lima.”

“Quando eu mudei ‘pra’ cá tinha pobreza, muita pobreza – inclusive, assim, até meu povo [família] é tudo mais pobre. Mas, [...] hoje em dia, mudou tudo; todo mundo tem [...] do bom e do melhor. [...] antigamente, só tinha pobreza; ficavam pedindo esmola na porta dos outros [...] e era isso: quem podia ajudava [...] e quem não podia também tinha

que ser ajudado. E isso passou... o tempo melhorou demais [...], lá em casa, por exemplo, quem não estudou é porque não quis [...]. ‘Quem estudou, estudou, quem não estudou, estudasse!’”

“Eu sou desde criança – por causa da minha mãe [...], nos ensinou, assim, a primeira comunhão, a gente fez direitinho – católica [...]. ‘Tô’ até com saudade das missas, que agora a gente não pode participar, uma, por causa da idade também [...] é caso de risco [grupo de risco]. A gente fica triste, ‘né’, porque é alguma coisa, assim, [...] da gente ficar mais alegre [ir às missas]. Mas, se Deus quiser, vai continuar, vai ser do mesmo jeito. Aí todo mundo pode continuar do jeito que era antigamente [antes da pandemia do coronavírus] e fica tudo legal

depois do vírus. E, aí, vai todo mundo, velho, novo, rico, pobre, vai do mesmo jeito. Hoje ‘cê’ vê, hoje tem que fazer até quantas pessoas podem ir ‘na’ igreja [...], tem de ter até aquele registro, ‘né’, pro ‘cê’ entrar na igreja. Então, tá meio complicado.”

“Bom, eu gosto daqui de Guanhães porque, assim, quer dizer, ‘né’, eu sou acostumada aqui em Guanhães... tem muita coisa até muito mais fácil que outros lugares, que tem muita gente que vem até ‘pro’ nosso lugar mesmo, tipo assim, é coisa de saúde, ‘né’, eles vem tudo ‘pra’ cá ‘pra’ Guanhães. Eu gosto daqui. Eu sairia, assim, só se num caso de precisão, eu sairia, ‘né’; mas, assim, normalmente, ‘à toa’, ‘hum-hum’ (negação).”



Juvercina Lucas dos Santos, mais conhecida como Dona Cina
75 anos
Trabalhou como cantineira
Atualmente, encontra-se aposentada
Nasceu e ainda reside em Guanhães, MG (2020).

“Hoje ficou muito melhor, ficou ótimo”

"Chamo Juvercina Lucas dos Santos. Pois é, 'meu filho', nasci na Mata, 1945 – 5 de abril que eu nasci. Convivo aqui em Guanhães."

"Pois é, hoje eu acho maravilhoso aqui em Guanhães. Trabalhei três anos e 'tanto' [como cantineira] na prefeitura aqui dentro de Guanhães. Foi uma maravilha; minhas companheiras, os meninos da escola [estudantes] – foi uma maravilha – muito educados, me 'tratou' muito bem, eu também tratei todos muito bem. Hoje estou aposentada [...], mas 'tô' muito satisfeita. Peço a Deus que abençoe todos os coleguismos [colegas do antigo emprego], prefeito, todo mundo; meus amigos da escola e todos. Eu trabalhei muito tempo 'no' Farias [distrito de Guanhães]."

"O que mudou aqui dentro de Guanhães [...] tinha pouco movimento, poucas casas; hoje tem muito movimento, muitas moradas. Hoje 'pra' consultar, comprar as coisas, é tudo maravilhoso, porque tem um jeito para tudo hoje. Era pouca coisa, 'pra' tratar de saúde, tudo era muito difícil. Hoje é tudo bom; hoje dá para tratar de saúde, 'né', dá para comprar tudo, alimento e tudo. Hoje ficou muito melhor, ficou ótimo."

"Eu mais gosto da minha igreja [Igreja Presbiteriana Ebenézer] e meus irmãos da igreja, meus amigos todos. Fico em casa trabalhando; limpando; cuidando das minhas plantas; vou 'nas' filhas, converso com elas um pouco, depois venho 'simbora'. Fico mal satisfeita porque não 'tô' indo na igreja

[devido à pandemia da Covid-19]. Ficar amoitada (risos), não posso sair."

"Nem acho nada [sobre o que chama atenção na cidade e o lazer] [...]. Eu fico só, só em casa, não 'assisto' festa. Quando tem a festa, sempre, do povo católico, é que é a coisa que, 'né', chama atenção, eu não vou. Não vou 'ne' forró nenhum, né, não participo de nada. É, 'uai', é só em casa. Quando é igreja, é igreja; quando não tem igreja aberta, é aqui em casa."

"Eu não saio daqui de Guanhães porque minha filha mora aqui perto. Ela não sai, eu também não saio, só saio 'pro' cemitério (risos)."

Imagem 21: Bruna Campos de Almeida (2020)
Foto: Acervo de Bruna Campos



Bruna Campos de Almeida
21 anos
Estudante do IFMG Campus São João Evangelista
Trabalha como Agente de Saúde em Guanhães (2020)
Nasceu e foi criada em Guanhães, onde vive até hoje
(2020)

“E o ‘trem’ ficava ‘bão’ mesmo”

"Meu nome é Bruna, tenho 21 anos de idade. Nasci e cresci aqui na cidade de Guanhães – atualmente ainda resido aqui."

"Olha, [Guanhães] tem muitos pontos turísticos, como o Cristo Redentor, 'né', no Bairro Santa Teresa [...]; tem alguns clubes na cidade, inclusive, a Cachoeira das Pombas, 'né'; tem a Lagoa Grande, que muitas pessoas usam como forma de lazer, fazem churrasco, aproveitam da água; tem a Pedra da Gafurina, que dá para ver bastante coisa [da cidade, estando em cima dela], ela é imensa."

"Como moradora da cidade, eu venho acompanhando as festas desde nova e uma das mais tradicionais é a Festa de São Miguel e Almas, do padroeiro da cidade, que é sempre comemorada no mês de setembro. E antigamente essa festa superlotava as praças – hoje em dia, não [...]. Hoje em dia é mais a Quinta na Praça, que acontece todas as quintas-feiras – ou melhor, acontecia, 'né', por conta da pandemia [houve uma pausa] – [...] tinha música ao vivo, dança, várias apresentações. Tem também o Carnaval [...]. Se eu não me engano, até o ano de 2016, [...]"

sempre no mês de outubro era comemorado o aniversário da cidade e sempre vinham muitas bandas famosas, sabe, Gustavo Lima, Fernando e Sorocaba, sabe, e o 'trem' ficava 'bão' mesmo (risos)". "Tem também a festa da 'igreja evangélica', o Sermão da Montanha, que sempre acontecia no início do ano, mas, [...] com o decorrer do tempo, as coisas foram mudando e... e agora chegou a pandemia e todo mundo em casa."

- As entrevistas com Maria das Graças, Juvercina Lucas e Bruna Campos podem ser assistidas na íntegra em <https://youtu.be/3Xhk-K3OZBA>.



Flávio Roberto dos Reis, mais conhecido como Robertinho Zier
56 anos
Cantor, compositor e instrumentista.
Secretário de Cultura de Guanhães (2020)
Natural e morador de Guanhães

“Necessitamos urgentemente de um investimento maior e que façamos desses hábitos culturais uma tradição”

“Aqui é Flávio Roberto dos Reis, pode me chamar de Robertinho Zier. Eu sou cantor e compositor há 38 anos. Sou natural de Guanhães e hoje estou secretário de cultura da cidade de Guanhães.”

Quais as principais festividades da cidade de Guanhães?

“Nossas festas tradicionais [...] começam em janeiro, geralmente é a preparação para o Carnaval, que [...] logicamente [...] se transformou muito. Hoje é um carnaval mais voltado aos blocos caricatos, ‘né’; há um tempo atrás era escola de samba – chegamos a ter três escolas de samba e chegamos a ser até o segundo melhor Carnaval do estado de Minas Gerais. Mais à frente a gente tem a festa do padroeiro da cidade, que é São Miguel, que é também uma festa muito tradicional da cidade; acontece há muitos anos. E também a festa de Nossa Senhora Aparecida, da comunidade do Pito, que é muito bonita também [...] com muitas festividades, muitas comemorações como a Marujada, enfim, uma festa muito bacana. Temos também o Festival da Música Cristã, que é um festival que ‘tá pegando corpo’ agora, já vai ‘pra’ 8ª edição [...]”

Saberia dizer a origem de algumas dessas festividades?

“O Carnaval [de Guanhães] é uma estória que começou numa comunidade aqui por nome de Comunidade das Almas, ‘né’. Eles contam

que eles saíam na época dos carnavais [...] aleatoriamente, cada um vestido de sua forma, batendo um tambor ou uma lata, qualquer coisa que tinha servia ‘pra’ fazer a rítmica da festa, ‘né’. E o tempo foi passando e essa comunidade se tornou Unidos dos Guaranis, e eles saíram algumas vezes sozinhos, vestidos de índios, e mais tarde virou uma escola de samba. E mais à frente, motivou a outra escola de samba, que veio do morro, que é a Unidos do Morro e [...], quase na mesma época, motivou a Águia de Ouro, que é uma escola de samba lá da Rua do Pito, e chegamos a fazer uma festa maravilhosa; foram muitos anos de muita alegria – chegamos a ser o segundo melhor Carnaval do estado de Minas Gerais. Foi uma festa muito linda.”

“[O] Festival da Música Cristã, que era um festival da música católica produzido pelo Dom Leonardo na época, mais ou menos uns 40 anos atrás, e [...], um tempo depois, o Padre Sancler e eu pensamos na produção de um novo formato do festival da canção e chegamos à conclusão que faríamos um festival de música cristã, não somente um festival da música católica. A ideia era contemplar o ecumenismo, ‘né’, a união de todas as crenças da crença cristã. E, graças a Deus, já estamos na oitava edição.”

Existem atividades passadas de geração para geração que são fortes até hoje e fazem parte da cultura local?

“Essas atividades que passam de pai ‘pra’ filho – [...] tradição – sempre existiram e existem e sempre existirão. Infelizmente, hoje com a globalização, talvez, essa mídia, essa produção do pensamento capitalista [...] e a própria tecnologia, ‘né’, abafam um pouco essas tradições. O que nós devemos fazer como cidadãos [...] é fazer que isso ‘tome corpo’, que isso não se perca com o tempo, ‘né’, trazendo mecanismos de divulgação, de exposição e, até mesmo, forma de escoar essas produções, ‘né’, essas atividades que no passado sustentaram muitas famílias, sustentam muitas famílias e que ainda sustentarão [...]. Além de trazer subsídio ‘pras’ famílias, é a nossa cultura, é a forma de um povo; então, a gente não pode deixar isso escapar de nossas mãos.”

Quais os principais pontos turísticos de Guanhães e os maiores patrimônios da cidade?

“Vamos falar da Casa da Cultura [Laet Berto], do Cristo Redentor, [...] Pedra da Gafurina, [...] Cachoeirinha do Moinho – são bens que se não são tombados são inventariados –, [...] a Matriz [igreja católica matriz], que é centenária.”

“Falando especificamente da Casa da Cultura, onde eu trabalho, nós temos lá um modesto museu que apresenta algumas peças antigas, [...] duas salas de encontro, onde o coral ensaia, existem reuniões... Enfim, tem também muitas fotografias das casas antigas daqui da cidade, [...] livros de pontos antigos, ‘né’ – nós temos livros lá da década de 40, década de 30.”

A cultura local ainda é valorizada pela população ou os costumes vão sendo deixados de lado com o tempo?

“Guanhães é uma cidade que [...] valoriza sim a sua cultura, valoriza e muito; mas, nós não somos diferentes das outras cidades [...] do Brasil em que a cultura é colocada em segundo plano, tendo em vista que a pasta da cultura é a única pasta assim que não tem recurso imediato, ‘né’. É uma luta para se produzir [...] umas programações de finais de semana que aqui existem, que é o Quinta na Praça, por exemplo, para se produzir o Festival da Música Cristã [...], mas não é diferente de todas essas outras cidades essa dificuldade ‘pra’ difundir a cultura. Mas é um povo que [...] valoriza e muito. Sempre quando se tem algo voltado à cultura popular [...] as pessoas valorizam. Mas o que peca é a falta de tradição, a falta de investimento... [...] Precisamos urgentemente de um investimento maior e que façamos desses hábitos culturais uma tradição, porque, aí sim, [...] teremos uma massa maior para valorizar e participar e produzir essa cultura.”

A entrevista com o Secretário de Cultura de Guanhães, Robertinho Zier, pode ser assistida na íntegra em: <https://youtu.be/X8vz-l62Ej0>.

CASA DA CULTURA LAET BERTO

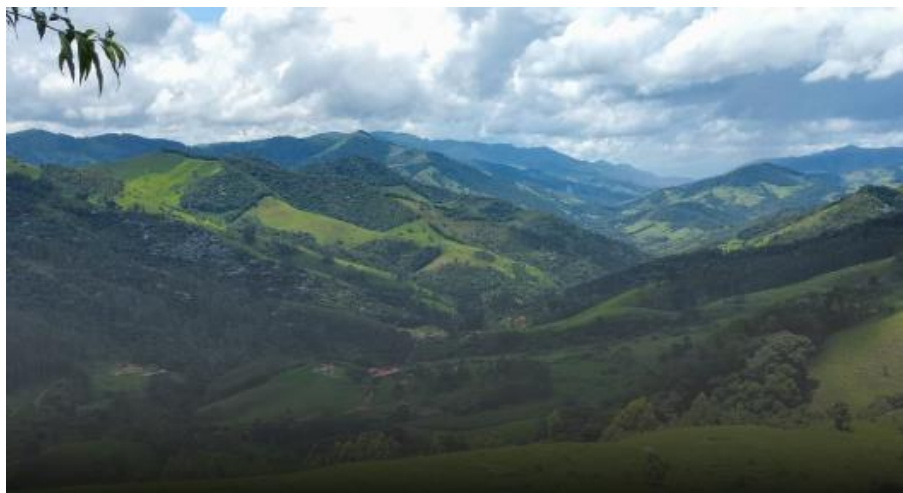
Construída no início do século XX, era inicialmente a Cadeia Pública Municipal. A partir daí passou a abrigar a Biblioteca Pública e a Administração Fazendária do Estado, até se tornar a Casa da Cultura Laet Berto – Laet Berto foi o criador da bandeira de Guanhães. Atualmente, a Casa de cultura abriga um modesto acervo que contempla fotografias, objetos e publicações que fazem parte da cultura de Guanhães e contam um pouco da história da cidade.



Imagem 23: Casa da Cultura Laet Berto
(decorada para o Natal de 2019)
Foto: Walefem Rocha

Guanhães - Região dos 3 Morros

Aspectos sociais e culturais de uma região pouco conhecida no Vale do Rio Doce



É fácil afirmar que a natureza é uma construção cultural. No entanto, não é tão fácil verificar o que pode significar isso. Como o objetivo de representar a percepção da natureza na lógica de construção cultural, este Guia Antropológico busca documentar as percepções antropológicas entre as relações Homem x Homem e Homem x Natureza, caracterizando a região específica denominada Três Morros, situada na região de Guanahães, Vale do Rio Doce, Minas Gerais, Brasil.

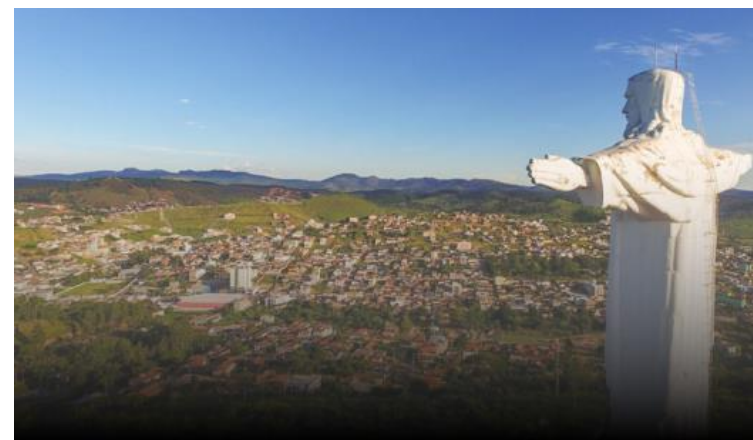
O Vale do Rio Doce, devido à sua localização geográfica, assim como suas características ecológicas e demográficas, era muitas vezes visto como uma miniatura do Brasil (FISCHER, 2018)¹⁰.

Imagem 24: Região dos Três Morros, Guanahães, Vale do Rio Doce/MG (2019)
Foto: Autoria própria

A apropriação produtiva e cognitiva da natureza favoreceu a dimensão sociocultural-ambiental da territorialidade resultante em uma força condicionante de processos sociais, culturas agrícolas e elementos socioeconômicos na região (ESPINDOLA; WENDLING, 2008)¹¹.

Atualmente, o município de Guanahães ocupa uma área de 1.075,124km² no Vale do Rio Doce, possui 5 distritos (Sapucaia, Correntinho, Cruzeiro, Taquaral, Farias) e sua população está em torno de 34 mil habitantes. O seu relevo local, do domínio mares de morros, com elevadas colinas, faz surgir diversos leitos de córregos e rios que banham o município (PREFEITURA DE GUANHÃES, 2020)¹².

Imagem 25: Vista parcial de Guanahães/MG
Foto: Rádio Vida Nova FM (2018)¹³



¹⁰ FISCHER, Georg. Acelerações em escala regional: A transformação do vale do Rio Doce, ca. 1880-1980. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 34, n. 39, jun./2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752018000200445&lng=en&nrm=iso&tlang=pt. Acesso em: 18 set. 2020.

¹¹ ESPINDOLA, Haruf Salmen; WENDLING, Ivan Jannotti. Elementos biológicos na configuração do território do rio Doce. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 24, n. 39, jan./2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752008000100009&script=sci_arttext. Acesso em: 18 set. 2020.

¹² PREFEITURA DA GUANHÃES. **O Município**. Disponível em: <https://guanhaes.mg.gov.br/guanhaes/a-cidade/>. Acesso em: 18 set. 2020.

¹³ SITE. RÁDIO VIDA NOVA FM. **Guanhães completa 143 anos de história**. Disponível em: <https://vidanovafm.com.br/guanhaes-completa-143-anos-de-historia/>. Acesso em: 18 set. 2020.

A trilha de expansão entre Guanhões e os distritos de Cruzeiro, Taquaral e Farias caracteriza a região denominada “Três Morros” resultante dos seus aspectos culturais e ecológicos que envolvem as diversas gerações de pessoas que vivenciaram a região.



Imagem 26: Região dos Três Morros (2020)
Foto: Elaborada pelo autor via Google Earth

Em seu contexto histórico, toda a região que compõe os Três Morros pertencia à apenas uma pessoa, Waldomiro Araújo da Fonseca, que possuía um amplo negócio e utilizava grande parte da região para criação de animais que posteriormente seriam comercializados em diferentes estados do país, afirma seu único filho vivo, Jucá Araújo da Fonseca. Ainda segundo Jucá, os animais eram comercializados em estados diferentes, sendo Waldomiro o responsável

também pelo encaminhamento desses animais através de grandes jornadas, passando por diversas cidades e regiões nos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo.

Para Jucá, as pessoas sempre associavam a região dos Três Morros a um local bastante remoto, sem grandes expectativas a não ser o desenvolvimento da agricultura e pecuária familiar desenvolvida pelo seu pai.

Ele ainda complementa dizendo que, depois do falecimento de seu pai, a herança dividiu toda a região e trouxe novas características culturais através de novos modelos de negócios adotados com a chegada da Cenibra, que até hoje distribui plantações de eucalipto na região, e a expansão de novas famílias para a região, que trouxeram modernização no

cultivo e exploração dos recursos proporcionados pela natureza. Além disso, a chegada do programa social Luz Para Todos em 2005 trouxe uma nova perspectiva de evolução na região.

Atualmente, cada morro é associado aos aspectos locais e às pessoas que compõem aquela determinada região. O morro Bom Sucesso é associado a uma extensão de grande bairro que atualmente faz parte da cidade de Guanhões. O morro Astramiro é associado à memória do patriarca da família Oliveira Santana, o senhor Astramiro de Oliveira Santana. O morro Bedeco é associado ao patriarca da família Fonseca, Waldomiro Araújo da Fonseca, que era conhecido pelo seu apelido de Bedeco, posteriormente sendo este apelido apropriado pela família.

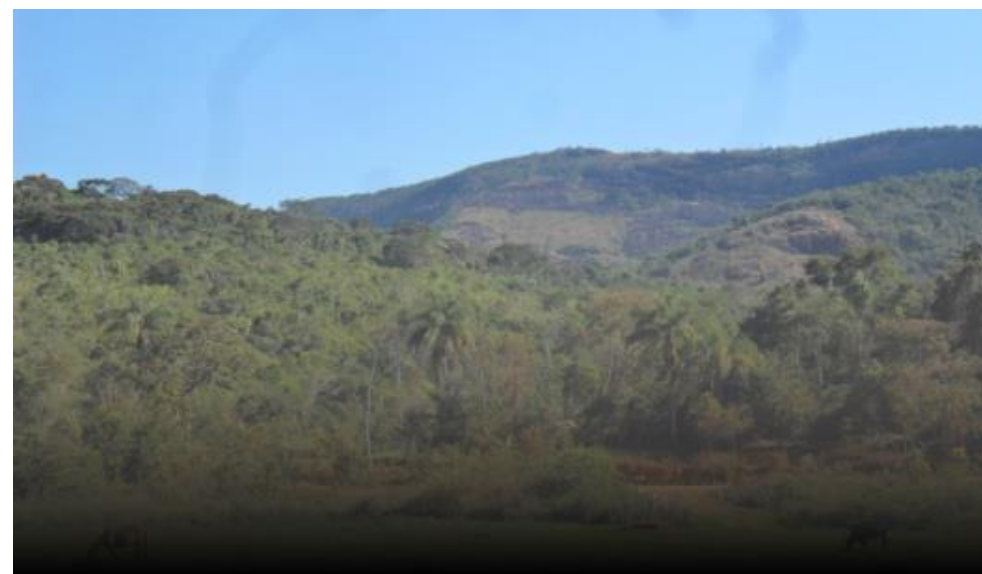


Imagem 27: Região dos Três Morros (2020)
Foto: Autoria própria

Gerações da Família Alves da Fonseca na Região

Uma das principais famílias a habitar a região dos Três Morros é a família Alves da Fonseca, cujo patriarca Waldomiro Araújo da Fonseca possui um grande histórico na região. Nascido na cidade do Serro, em Minas Gerais, ainda jovem decidiu explorar a região do Vale do Rio Doce em Guanhaes. No início, ele comprou algumas terras para a realização de atividades de pecuária que, posteriormente, se transformaram em um grande negócio que abrangeu diversas regiões do Brasil. Com esse avanço, seu acúmulo de terras também se tornou cada vez maior e ele se casou e criou seus 6 filhos na região.

Imagem 28: Waldomiro Araújo da Fonseca (1985)
Foto: Acervo da Família Alves da Fonseca



Após a morte do patriarca em 1989, que já era viúvo (sua mulher Floribella Pinho de Araújo faleceu em 1980), dividiu-se as terras entre os filhos herdeiros que, com o tempo, conforme objetivos pessoais de cada um, foram vendidas trazendo novas características para a região. Atualmente, apenas dois herdeiros continuam na região, Jucá Araújo da Fonseca e Divino Alves da Fonseca. Ambos possuem grandes amontes de terras e simples propriedades na região, sendo a agricultura e pecuária familiar ainda presentes no cotidiano deles.

Foto: Acervo da Família Alves da Fonseca
Imagem 29: Divino Alves da Fonseca (2014)

Embora quase toda uma geração tenha se desvinculado da região, todos os familiares e as novas gerações ainda são influenciados, seja por sua natureza, fazendas, plantações, culinária, educação, frutos entre outros. Atualmente, a região é um lazer para a família e todos os acontecimentos pessoais/culturais fazem com que essa região seja valorizada constantemente.

Imagens 30 e 31: Pedra da Gafurina (2008)
Foto: Portal de Minas¹⁴

Principais Atrações da Região

Muitas das atrações da região estão relacionadas aos aspectos naturais e ecológicos. De elevada altitude, a região impressiona e garante uma boa experiência. Dentre elas, a principal atração natural é a Pedra da Gafurina, próxima ao distrito de Farias.



¹⁴ PORTAL DE MINAS. **Pedra da Gafurina**. Disponível em: <http://www.minasgerais.com.br/pt/atracoes/guanhaes/pedra-da-gafurina>. Acesso em: 25 set. 2020.

Uma outra atração que acontece em um determinado momento do ano, normalmente no início do inverno, está associada às festividades que envolvem a Vila Taquaral, como rodeios, festas juninas e competições de comida mineira.

Por fim, temos um encontro que envolve diversos integrantes de uma cavalgada, denominado “Encontro dos Cavaleiros”. Este evento é uma pausa obrigatória para todas as pessoas que tem como destino o tradicional jubileu do Senhor Bom Jesus do Matosinhos em Conceição do Mato Dentro. Durante uma semana, diversos cavaleiros se reúnem na fazenda St. Timóteo e comemoram o início da jornada com festas, premiações, encontros, acampamentos, etc.



Imagens 32 e 33: Encontro dos Cavaleiros na Fazenda Santo Timóteo (2014)
Foto: Acervo da Família Alves da Fonseca

Economia

Através da observação *in loco*, foi possível perceber que as atividades de agricultura e pecuária são extremamente relevantes na região, e as condições climáticas e topográficas possibilitam a produção de milho, arroz, feijão, mandioca, cana de açúcar, café, entre outros. Além disso, serviços essenciais também caracterizam uma importante parte da economia, como o comércio desses alimentos nas vilas.

Em maior escala de produção temos a fazenda Astramiro, com extensas plantações de café e cana de açúcar, superiores em dimensão se comparada às demais. Têm-se ainda diversas outras

propriedades na região que fomentam o setor de agricultura familiar que se destina à subsistência dos produtores rurais e ao mercado interno do país, distribuindo e comercializando alimentos e produtos nas proximidades de Guanhães e região.

As atividades de pecuária que envolvem o comércio de animais para criação, domesticação, abate ou comercialização também caracterizam uma grande importância econômica para a região. Essas atividades resultam na produção de carne, leite e ovos, que servem como base para outras produções que eventualmente também serão comercializadas nas proximidades de Guanhães e região como queijo minas, rapadura, paçoca e outros.

Reflexões Complementares

“Os humanos são únicos no sentido de ocuparem o que Richard Shweder (1990) chama de “Mundos Intencionais”. Para os habitantes deste mundo, as coisas não existem “em si”, como objetos indiferentes, mas apenas como a eles são dados forma ou significado, dentro de sistemas de representações mentais. Assim, para indivíduos que pertencem a diferentes mundos intencionais, os mesmos objetos no mesmo ambiente físico podem significar coisas bem diferentes. E quando as pessoas agem em relação a esses objetos, ou com eles em mente, suas ações respondem às formas que já são apropriadas, categorizadas ou valorizadas em termos de um design particular e pré-existente. Esse design, transmitido através de gerações na forma de esquemas conceituais recebidos e manifestados fisicamente nos produtos artificiais de sua implementação, é o que é comumente conhecido como cultura” (INGOLD, 2000, p.40)¹⁵.

“As mentes não podem subsistir sem corpos, e os corpos não podem subsistir a menos que estejam continuamente envolvidos em trocas materiais e energéticas com componentes do ambiente. É necessário, portanto, distinguir entre dois tipos ou versões da natureza: natureza “realmente natural” (o objeto de estudo para cientistas naturais) e natureza “culturalmente percebida” (o objeto de estudo para antropólogos sociais e culturais)” (INGOLD, 2000, p.41).

¹⁵ INGOLD, Tim. **The perception of the environment**: essays on livelihood, dwelling and skill. Londres: Routledge, 2000.

Festival Gastronômico Sabores di Buteco (Comidas di Buteco)

O Festival Gastronômico “Sabores di Buteco” é um evento realizado na cidade de Materlândia há 4 anos, e foi uma iniciativa do então prefeito Joventino Maria. A primeira edição do evento foi chamada de “Comidas di Buteco”, mas, segundo a gestora de cultura e turismo Delia Barbosa Portilho, devido a problemas com direitos sobre o nome, foi renomeado como “Sabores di Buteco”.



Imagem 34: Um dos pratos do festival gastronômico de 2019
Foto: acervo da Prefeitura Municipal de Materlândia

O evento ocorre em março ou junho, a depender do ano, e costuma durar de 2 a 3 dias (quinta, sexta e sábado). Os bares e restaurantes que desejam participar sorteiam os dias em que cada um irá apresentar um prato (com limite de preço), e também contratam cantores da região.

O Festival Gastronômico Sabores di Buteco é uma junção da culinária com a música da região, e foi bem recebido desde seu primeiro ano.

Os pratos apresentados dizem muito sobre a culinária típica da cidade. Não há competição, no último dia do evento todos os participantes se reúnem e apresentam os pratos que fizeram parte do festival. No final, todos são premiados pela participação.



Imagem 35: Show do Sabores di Buteco 2019
Foto: acervo da Prefeitura Municipal de Materlândia

O que está esperando?

Venha com garfo, faca, e água na boca para apreciar esse evento!!!

Música boa para animar sua noite, e te fazer tirar o pé do chão.
Os cantores aqui são parte do povo, e cantam para a alegria do povo.

Dona Mariinha

Uma figura de extrema importância para a cidade de Materlândia.

Família

Os pais de D. Mariinha eram Raimundo Sanches de Oliveira (Raimundo Deco) e Gabriela Leopoldina de Oliveira (D. Biela), moradores que participaram ativamente do crescimento da cidade desde quando ainda era apenas um vilarejo. Tendo relações com políticos da época, Raimundo Deco era uma pessoa de referência. Um homem gentil e caridoso, que ajudou a expandir o vilarejo, e participou da emancipação da cidade. Por tudo aquilo que fez em vida, foi homenageado tendo seu nome colocado na Escola Estadual.

D. Mariinha

Maria Raimunda de Oliveira Queiroz, mais conhecida como D. Mariinha, nasceu em 28/03/1907, sendo a 2ª filha da família. Segundo sua irmã mais nova, Mariinha cuidava de seus irmãos menores como uma mãe. Foi casada com Raimundo Dorvalino de Queiroz e teve 10 filhos. Seu marido que era um farmacêutico de renome na época, e cuidou de muitas pessoas doentes que não tinham condições de pagar por medicamentos.

D. Mariinha se graduou no curso normal da escola Nossa Senhora da Conceição do Serro, e foi professora da Escola Singular Doutor Cristiano Machado (que mais tarde se uniria ao Ginásio Francelino Pereira para formar a Escola

Estadual Raimundo Deco) por 26 anos, e atuou como diretora nos últimos anos.

Professora exemplar, chamada merecidamente de mestra, Mariinha trabalhava com turmas de 1º, 2º e 3º ano do Fundamental. Eram tempos difíceis, as crianças muitas vezes moravam a quilômetros da escola, e em épocas de chuva chegavam completamente molhadas, cansadas e famintas. Eram recebidas pela sua mestra Mariinha e outros funcionários, que as secavam e alimentavam.

Sendo uma pessoa humilde e gentil, Mariinha era admirada por muitos, não só como professora. Envolvida com festividades da cidade, ela sempre ajudou de diversas formas, nunca querendo atenção ou mérito para si mesma. D. Mariinha, após a velhice, passava seus dias em sua casa, sem se envolver em muitos eventos, mas sempre disposta a ajudar da forma que pudesse. Sendo muito acolhedora e gentil com todos, aos poucos foi sendo chamada de Vó Mariinha por crianças e adultos que a visitavam, se tornando uma figura maternal para a cidade.

Em nossa busca, tivemos o privilégio de sermos agraciados com um manuscrito,

um acróstico escrito por Maria do Carmo, ex-aluna e colega de D. Mariinha, replicado a seguir:



Imagem 36: D. Mariinha (à direita) sendo abraçada por Nadir, uma de suas filhas

Foto: Arquivo pessoal de Maria das Graças

Texto extraído da entrevista com sua ex-aluna e colega Maria do Carmo da Fonseca e sua irmã Maria das Dores de Oliveira

Maria Raimunda de Oliveira, viveu 107 anos.
A senhora possuía o dom da palavra amiga
Regada de muito amor e carinho para com todos
Inteligente, humilde, conservada nesta cidade.
Apresentava sempre alegre e feliz.
Recordo a vida de D. Mariinha, como uma grande
Amiga, pois a conheci desde a minha infância
Imagine vocês, o quanto foi aproveitado com
Minha saudosa amiga, quantas prosas nos foram
Unificadas de professora para aluna, etc...
Nesta oportunidade descrevo os momentos vividos
Desta senhora em convivência conosco.
Agradeço a Deus por ter me dado estas horas de alegria.
De poder contar estes fatos em homenagem a
Esta senhora a quem devemos muito o seu legado
Olhe quanto ela nos foi importante.
Lembro quando a conheci como diretora da 1ª escola
Instituída na vila Nossa Senhora Mãe dos Homens.
Vivemos juntas até a Escola Singular Cristiano Machado
Escola onde eu concluí o 4º ano primário.
Isto conserva todo nosso enlace amigo.
Rezamos juntas, estudamos e trabalhamos juntas e
Animadas em busca do bem para nossa cidade
Querida e saudosa D. Mariinha, somos gratos em
Uníssemos, sentimos inúmeras faltas.
Engrandecidos pelo seu viver junto conosco.
Inteiramente envaidecida com suas palavras, nunca esquecidas.
Recordando nesta homenagem tudo que nos foi vivido.
Olhando para nossa Materlândia vimos com clareza o
Zelo e o carinho dispensado pelos nossos antepassados.

Autora: Maria do Carmo Fonseca



Imagem 37: D. Mariinha (1907-2018)
Foto: Arquivo pessoal de Maria das Graças

Acróstico escrito para publicação no Guia,
em homenagem a D. Mariinha
(Materlândia, 15 de agosto de 2020).

Peçanha

Grande ou pequena, toda cidade tem sua cultura!

Geisiany Braga Barbosa
Isabel Cristina de Souza Linhares
Leidiane Nunes Lopes
Mayara Mariano Viana
Sabrine Ferreira Costa
Thiffanny Shamara Queiroga Braga
Weslei dos Santos Silva



Imagem 38: Visão Panorâmica da cidade de Peçanha (2020)
Foto: Leidiane Nunes Lopes



Imagem 39: Visão Panorâmica da cidade de Peçanha (2020)
Foto: Sabrine Ferreira

“A zona urbana da cidade apresenta declividades acentuadas, circundada por uma escarpa coberta por mata virgem. No topo há uma chapada de onde se tem uma ampla visão do horizonte. A cidade, por ter um formato parecido com uma ‘panela’, tem seus habitantes conhecidos carinhosamente como ‘paneleiros’.”
(Ester Costa Silva – Residente de Peçanha).

A fundação do povoado remonta ao ano de 1752, quando ocorreu uma expedição comandada por João Peçanha Falcão que partiu da Vila do Príncipe, hoje cidade do Serro, à procura de ouro. Descendo pelo Rio Suaçuí em direção ao Rio Doce, a expedição subiu até a nascente do Rio Suaçuí Pequeno, encontrando aí vestígios de ouro numa encosta da Serra Negra, dando origem a um povoado com curioso traçado, no qual foi construída uma capela, a atual Igreja de Santo Antônio.



Imagem 40: Vista da cidade de Peçanha (2020)
Foto: Acervo de Ester Costa

As primeiras denominações do povoado eram Santo Antônio do Peçanha, Santo Antônio do Bom Sucesso do Descoberto do Peçanha e Rio Doce. A Vila foi elevada à cidade em 13 de setembro de 1881 com o nome de Suaçuí, desmembrando-se do município do Serro. Em 1887, voltou a chamar-se Santo Antônio do Peçanha e, em 1911, assumiu somente nome de Peçanha. A estruturação da cidade, ao longo dos séculos XVIII e XIX, deu-se no entorno da capela dedicada ao santo padroeiro (Fonte: Biblioteca Municipal).

Com a notória hospitalidade dos peçanhenses e famosa por seu carnaval, a cidade de Peçanha costuma ganhar destaque na mídia por vir atraindo pessoas de diversos lugares. No carnaval de 2018, a Polícia Militar chegou a estimar 45 mil pessoas durante os dias de folia. Em 2020, fazendo alusão ao leste de Minas, o CarnaPeçanha recebeu o título de um dos mais agitados da região.

Imagem 41: Carnaval de 2020
Foto: Sanley Vitor



Para quem gosta de menos agitação, em Peçanha também há outras opções de lazer, como o Parque Municipal da Mãe D'Água, que conta com árvores centenárias e uma arena construída para a prática do futebol, circundada por bela mata. A entrada é livre, porém somente dentro do horário de funcionamento, sendo de 8h às 16h todos os dias da semana.

Imagem 42: Placa do Parque
Foto: Mayara Mariano Viana



Imagem 43: Arena do Parque
Foto: Sabrine Ferreira



Imagem 44: Tanque da Alvorada (2020)
Foto: Juliana Rúbia Rodrigue

O município é cortado pelo Rio Suaçuí e abriga a nascente do Rio Suaçuí Pequeno, contribuindo para a formação da Bacia Hidrográfica do Rio Doce, evidenciando assim um rico patrimônio natural (Fonte: Biblioteca Municipal).

Algumas praças possuem fontes de água que os habitantes utilizam para encher suas garrafinhas durante seu passeio ou caminhada.



Imagem 45: Rua Nossa Senhora de Fátima (2020)
Foto: Isabel Cristina

Dentre os patrimônios históricos, destacamos a Biblioteca Municipal Professor José Correa Braga, instalada no antigo prédio do Paço Municipal.



Tem também a Casa da Cultura, com atendimento de segunda à sexta-feira, das 7h às 17h. A visita ao acervo se dá somente acompanhada por funcionário da casa. Não é permitido fotografar as peças, e visitas de grupos podem ser agendadas.

Imagem 46: Praça Getúlio Vargas, onde se situa a igreja Matriz (2020)
Foto: Leidiane Nunes Lopes



Imagem 47: Biblioteca Municipal (2020)
Foto: Mayara Mariano Viana

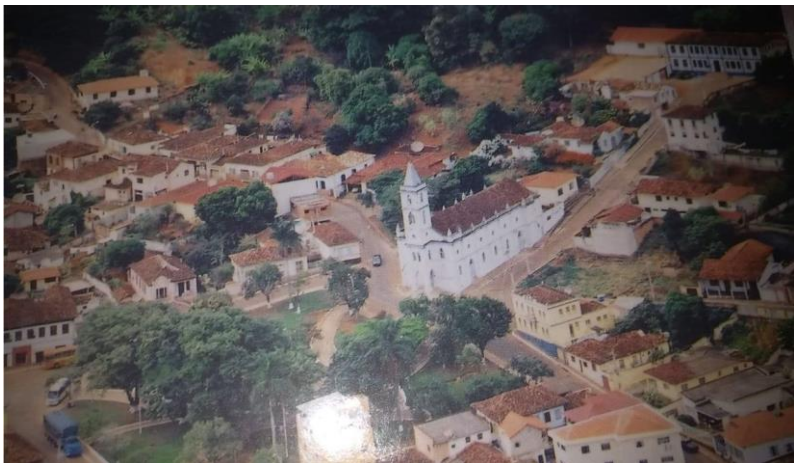


Imagem 48: Praça central e Igreja Matriz em 2003.
Foto: acervo pessoal de Salvador Rodrigues (residente de Peçanha)

Conforme placa de fundação, a construção da Matriz Santo Antônio foi iniciada em 1940 e concluída 5 anos depois, sendo consagrada em 1948 pelo Pároco Pe. José P. Amaral. Recebeu o nome do padroeiro da cidade, Santo Antônio, comemorado em 13 de junho.

A trezena de Santo Antônio, festa tradicional no município de Peçanha, é celebrada há mais de 80 anos. Antigamente, a festa acontecia simultaneamente à festa do Peçanhense Ausente. Atualmente, na noite de 12 de junho, é celebrada uma missa preparatória para o Dia de Santo Antônio, bastante frequentada também por coincidir com a data do Dia dos Namorados; na manhã de 13 de junho, ocorre uma homenagem ao padroeiro, seguida de uma grande procissão, da qual fazem parte fiéis e moradores da cidade.

A imagem de Santo Antônio está exposta na Rua da Bancada, lugar que permite uma visão panorâmica da cidade.



Imagem 49: Santo Antônio
Foto: Isabel Cristina



Imagem 50: Igreja Matriz Santo Antônio (2020)
Foto: Gevison Costa

São João Evangelista

CONHECER SUA CULTURA E HISTÓRIA É IMPORTANTE.
MAIS IMPORTANTE AINDA É TORNÁ-LA CONHECIDA!

São João Evangelista é uma cidade localizada no interior de Minas Gerais. O Município se estende por 478,2 km² e conta com cerca de 16 mil habitantes¹⁶. É uma cidade tranquila, cheia de histórias, cultura e belezas.

Imagem 51: Vista aérea de São João Evangelista (2018).
Foto: Facebook da Prefeitura Municipal¹⁷.



Imagens 52, 53 e 54: Atrações de São João Evangelista (2020).
Fotos: Site da Prefeitura Municipal de São João Evangelista¹⁸.

¹⁶ SITE. Cidade.Brasil.com.br, São João Evangelista (MG). 2020. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-sao-joao-evangelista.html>.

¹⁷ FACEBOOK. Prefeitura Municipal de São João Evangelista (MG). 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/prefeiturasjevangelista/>.

¹⁸ SITE. Prefeitura Municipal de São João Evangelista (MG). Disponível em: <https://sje.mg.gov.br/turismo>.



A **Igreja Matriz** (centro da cidade), a **Capela de São Sebastião** (distrito Nelson de Sena) e a **Cachoeira da Fumaça** (distrito São Geraldo do Baguari), são exemplos de patrimônios regionais que podemos encontrar no centro ou em seus distritos.

O **Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG) campus São João Evangelista** é uma das principais instituições de ensino da região e traz inúmeros benefícios para a cidade. Além de atrair inúmeros estudantes e contribuir para uma educação de qualidade, promove eventos acadêmicos e culturais.

Imagem 55: Vista parcial do IFMG e da cidade São João Evangelista (2017)
Foto: Facebook da Prefeitura Municipal¹⁹

A história do IFMG *campus* São João Evangelista começa em 1947, quando os Doutores Nelson de Sena e Demerval José Pimenta idealizaram e fundaram, junto com os Senhores Oswaldo Pimenta, Monsenhor Pinheiro, Padre Davino Moraes e Astrogildo Amaral, a Sociedade Educacional Evangelistana. Em 1951, a instituição passou a ser chamada “Escola de Iniciação Agrícola de São João Evangelista”. Em 1978 foi iniciado o curso Técnico em Agropecuária e alguns

anos depois foram introduzidos os cursos técnicos de Economia Doméstica (1982) e Informática (1999). Em 2005, foi aprovada, pelo Ministério da Educação, a criação do primeiro curso superior da instituição, o curso de Tecnologia em Silvicultura. E em meados de 2008, a escola Agrotécnica passou a ser Instituto Federal, com objetivo de aumentar as oportunidades de educação, tanto no âmbito do ensino técnico, como da pesquisa e extensão²⁰.

¹⁹ FACEBOOK. Prefeitura Municipal de São João Evangelista (MG). Set./2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/prefeiturasjevangelista/photos>.

²⁰ SITE. IFMG-SJE. Conheça o IFMG campus São João Evangelista. 2020. Disponível em: <https://www.sje.ifmg.edu.br/portal/index.php/campus-sao-joao-evangelista>.



Imagem 56: Lagoa na entrada do IFMG-SJE (2019)
Foto: Sandra Amaral

O *campus* localiza-se na Av. Primeiro de Junho, 1043, no centro da cidade e é aberto à visitação, sendo mais movimentado no fim da tarde, quando as pessoas aproveitam o espaço para fazer caminhadas e corridas. Aqueles que por lá passam se encantam pela beleza e dimensão da instituição. Logo na entrada, pode-se perceber a exuberância e vivacidade do lugar. A portaria fica aberta das 06h às 22h30min.



Imagem 57: Biblioteca Professor Pedro Valério do IFMG-SJE (2020)
Foto: Marcelo Filardi²¹

Há vários espaços de visitação: a lagoa (na qual é proibido pescar ou nadar), o viveiro, a pocilga, a horta, a biblioteca, e dentre outros, uma vendinha, na qual é possível adquirir queijos e iogurtes produzidos no *campus*, bem como outros produtos alimentícios e ornamentais. Deve-se atentar para o fato de alguns desses setores fecharem para almoço por terem horários específicos de atendimento e visitação.

Para os turistas que desejam passar o dia explorando o lugar, há duas lanchonetes, uma delas localizada no interior do Prédio I e a outra ao lado do Prédio II. O refeitório é aberto aos visitantes e o horário de funcionamento é das 10h30min às 12h. Para utilizá-lo, os visitantes devem comprar um ticket no valor de R\$10,00 (dez reais) no Prédio I, na recepção ou reprografia da Coordenação Geral de Atendimento ao Educando (CGAE).

Para quem deseja aproveitar o dia sem se preocupar com veículos, há lugares para se estacionar em todo o *campus*.

O IFMG *campus* São João Evangelista também promove e participa de alguns eventos durante o ano como Feira de Ciências, Semana da Família Rural, Mostra de Profissões, entre outros, abertos à comunidade de um modo geral. Há também eventos realizados pelos alunos no interior da instituição, dos quais o público pode participar através da compra de ingressos (geralmente vendidos por uma comissão de formatura), como é o caso do Show de Talentos. Para quem deseja participar, basta ficar atento ao site da instituição.

Os horários e valores descritos tomaram por base o início de 2020, estando sujeitos a alterações. De qualquer modo, todas estas atividades estão suspensas durante o período de pandemia.

²¹ Portal Licenciatura em biologia do IFMG-SJE. Disponível em: <https://biologia.sje.ifmg.edu.br/index.php/normas/estrutura-fisica>.

O IFMG-SJE tem um teatro para uso exclusivo de formaturas, apresentações artístico-culturais, palestras, congressos, celebrações religiosas e atividades didático-pedagógicas. Tal espaço recebeu o nome de Teatro Zé Passarinho, em homenagem ao Professor José Luiz Gonçalves.

Tomás de Aquino Gonçalves

“Zé Passarinho foi meu pai, apaixonado por esta cidade e seu povo. Meu pai, como professor de história, era pesquisador do passado Evangelistano. Grandes homens desta cidade foram homenageados por ele ao longo das Semanas da Cultura em que ele teve participação ativa”.

Tomás Aquino, filho do Professor José Luiz Gonçalves (Zé Passarinho), nasceu em São João Evangelista e mais tarde tornou-se desenhista publicitário nos tempos em que não havia computação gráfica. Trabalhou em várias cidades como Manaus, Belém, Belo Horizonte e Porto Alegre. Tomás Aquino é um dos responsáveis pela criação de ideias que possibilitaram a construção da Semana da Cultura, festa já tradicional em São João Evangelista e, além disso, também contribuiu com o evento através de sua arte, já que era desenhista.

* * *

A semana da cultura reúne diversos artistas da cidade e região, e também conta com a participação dos estudantes. É uma programação recheada de atrações, shows, desfiles com temas Folclóricos, incentivo à leitura, contos, parque de exposições, apresentações artísticas, passeatas e várias outras atividades. Essa tradição tem por objetivo valorizar e fomentar a cultura local pela arte, seja com música, peças de teatros ou contos juvenis.

Quando perguntado se “A Semana da Cultura de hoje em dia representa a nossa cultura?” Disse que “Não do jeito que deveria ser, mas nosso povo é muito participativo e acredito que sempre haverá esforço para fazer boas semanas de cultura”.

Tomás de Aquino relatou que a primeira “Semana da Cultura” ocorreu do dia 01 a 07/09/1989, na gestão do então prefeito Antônio Flauzino Medina, na Escola Estadual Monsenhor Pinheiro. Explicou que não conseguiu participar de todas que ocorrerem desde então, mas duas Semanas foram marcantes para ele, a primeira edição e a de 1994, que aconteceu na gestão do então prefeito Waltinho, pela riqueza do cronograma e visibilidade que teve naquele ano.



Imagem 58: Apresentação da Semana Cultural (2019)
Foto: Facebook da Prefeitura Municipal²²

²² FACEBOOK. Prefeitura Municipal de São João Evangelista (MG). Set./2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/prefeiturasjeangelista/photos>.

Arraiá do Gustim - “Cê vai perder essa festa pra lá de bão?”

Arraiá do Gustim é uma festa típica de Sardoá, uma pequena cidade inserida no Vale do Rio Doce. A festividade tem sua origem datada de 2004, quando 7 amigos, moradores da comunidade Santa Luzia - Manda Saia, participantes ativos da igreja católica Santa Luzia, fundaram o “Arraiá da Alegria”. Foram eles: Cidinha (em memória), Francis Pereira, Gleisson Junior, Jania Oliveira, Juliana Aparecida, Magda Oliveira e Suely.

Como de costume em outras comunidades, a festa junina passou a ser realizada anualmente, com o objetivo de arrecadação de fundos para a igreja. O evento ocorria aos sábados, em frente à igreja, após a missa. As barraquinhas vendiam canjica doce, arroz com galinha, chocolate quente, pastel, feijão tropeiro, quentão e outras comidas típicas da roça! Como as comunidades da Paróquia Santo Antônio já realizavam suas festas em junho e julho, a comunidade de Santa Luzia optou por fazer a festa em agosto, e fixou como data do evento o 1º ou 2º fim de semana deste mês. Em 2007, os organizadores decidiram mudar o nome, tendo em 2008 o 1º Arraiá do Gustim.

As brincadeiras e diversão nos ensaios sempre foram marca registrada! Cidinha, a narradora da quadrilha, interagiu com todos. No meio da dança, com brincadeiras entre os participantes, os tombos, os erros, tudo era motivo para diversão, inclusive o forró que acontecia após o ensaio.

Inicialmente, tinha-se como público os próprios moradores da comunidade mas, aos poucos, diante do empenho dos organizadores, o número de participantes aumentou consideravelmente. As comunidades mais próximas começaram a comparecer, ampliou-se para dois dias de evento (sexta-feira e sábado) e os organizadores passaram a contratar shows de artistas famosos na região.



Imagem 59: Arraiá do Gustim (2014)
Foto: Acervo de Gleisson Junior

Foi a partir do 4º Arraiá (2011), que a festa ganhou destaque nas cidades próximas, atingindo um público maior. Os organizadores começaram a correr atrás de verbas, doações e patrocínios, e o empenho foi recompensado ao conseguir para o show principal um artista muito prestigiado na região (Dimas e seus Teclados). Neste ano, a área de realização da festa, que era somente em frente à igreja, foi expandida para um terreno emprestado pela família Souza (conhecida popularmente por família do Geraldo ‘Ruberto’) para que coubesse o público esperado.

No 4º Arraiá, para dar maior identidade aos organizadores, foram confeccionadas camisas personalizadas, que acabaram virando tradição, com cores diferentes a cada ano.



Imagem 60: Camisas do 4º ao 8º Arraiá do Gustim
Foto: Jucelia Pereira

O 4º Arraiá foi uma festa muito especial, o último da “eterna Cidinha” (Maria Aparecida Costa), uma das fundadoras e 1º narradora, que veio a falecer em dezembro de 2011, em decorrência de um grave acidente de moto. Em homenagem, o Arraiá do Gustim continuou com mais força e união de todos.

“Cidinha se destacou pela alegria, sua autoestima, o jeito brincalhão, que hoje é uma estrelinha e não tem como falar do Arraiá do Gustim sem ter na memória nossa eterna Cidinha, uma das fundadoras do evento” (Magda Oliveira, 2020).



Imagem 61: Maria Aparecia Costa (Cidinha)
Foto: Print do vídeo de 10 anos de Arraia do Gustim²³.

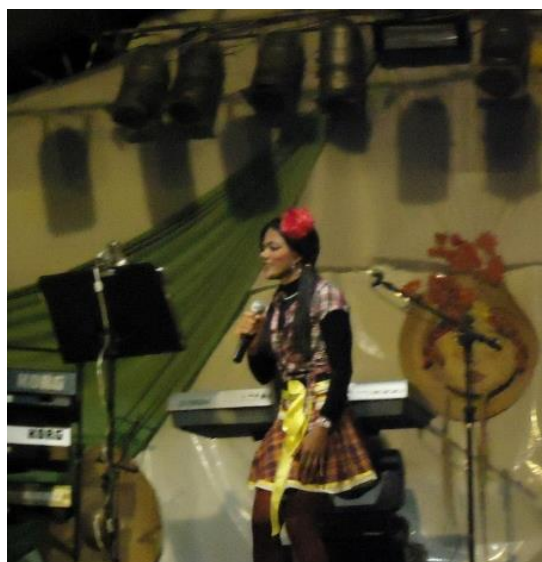


Imagem 62: Magda Oliveira (2012)
Foto: Acervo de Eberto Silva



Imagem 63: Suely (2012)
Foto: Acervo de Jucelia Pereira

No 5º Arraiá (2012), Magda Oliveira passou a ser a narradora da dança, permanecendo até 2015, quando se casou e mudou-se para outro estado. Mesmo distante, ela continua amando o evento, e tenta comparecer e participar da festa desde sua mudança, como visitante “quadrijuvante”.

Com isto, Suely assumiu provisoriamente o posto, porém permanece até hoje e faz um excelente trabalho.

Imagem 64: Suely (2016)
Foto: Acervo de Suely



²³ FACEBOOK. Suely Souza. 10 anos de Arraiá do Gustim. 2017. Disponível em: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=1385891181532246&id=100003341327068&sfn=wiwspwa.



Imagem 65: Arraiá do Gustim (2013)
Foto: Acervo de Eberto Silva



Imagem 66: Arraiá do Gustim (2014)
Foto: Acervo de Jucelia Pereira



Marcos e Adeilson



Jeferson

Imagens 67 e 68: Competição de dança (2016)
Fotos: Acervo de Gleisson Junior

A partir do 6º Arraiá do Gustim (2013), houve maior participação dos jovens da comunidade na realização do evento, mas os organizadores originais continuam até hoje como responsáveis pelos trâmites da documentação. São muitas as qualidades que tornam a festividade inesquecível: a fogueira que aquece o frio desta época do ano; as danças; as fantasias dos dançarinos que a cada ano ficam diferentes e engraçadas; o grande casamento na roça que abre a quadrilha.

A comunidade é criativa e utiliza-se de estratégias variadas para a divulgação do evento: carreatas de veículos, sinalização com faixas, bandeirolas, passeio com o boneco que representa o Gustim, acontecendo sempre aos domingos.



Imagem 69: Carreata pelas cidades vizinhas (2014)
Foto: Acervo de Gleisson Junior

A cada ano o grupo coloca um elemento surpresa, trazendo inovação à dança. Em 2016, o grupo Arraiá do Gustim participou de uma competição promovida pela igreja Católica de Santo Antônio, e ganhou o prêmio de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais). A euforia foi tanta que grande parte do valor foi usada para o concerto do para-brisa do carro de som, quebrado por uma participante no momento da comemoração.

Como lembra Gleisson Junior, o Arraiá do Gustim é uma festa cultural tombada e recebe verba da Prefeitura de Sardoá. Em 2016, porém, a festa foi interdita na quinta-feira à noite (24h para seu início) por razão desse patrocínio público ocorrer em período eleitoral. Os organizadores, desanimados, pensaram em cancelar a festa, mas o padre da matriz Santo Antônio, um amigo muito querido da comunidade, juntou-se a 4 moradores e foi à Virginópolis apresentar recurso ao tribunal. Para o juiz, eles explicaram os gastos e prejuízos que teriam caso não ocorresse a festa, pois já estava tudo pronto. O juiz decidiu que a festa poderia ocorrer normalmente, porém sem nenhuma apresentação artística. Assim, contou-se com a compreensão do público e manteve-se a música com DJ, e no sábado, a grande quadrilha se apresentou com sucesso.

O “Casamento na Roça”, que tradicionalmente conta de forma engraçada a trágica história de um jovem que é obrigado a casar com uma moça, assumindo assim suas responsabilidades, abre a quadrilha. Entra em cena o xerife, o casório é marcado, o padre oficializa a união e logo após ocorre a quadrilha para celebrar a união dos recém-casados. O nome do arraiá, deu identidade a um dos personagens principais: Gustim é o cara desonesto (Romário); Margarida Relata-rela, a moça de família humilde (Ysamara); Zé Grilo é o xerife, (Valdeir, conhecido como Grilo).

O mais divertido do casamento é o improvisado, diz Valdeir: “no 11º Arraiá eu não ensaiei a peça, porque estava fora da cidade, mas eu ia pra festa, então daria para participar. Então eu li mais ou menos o que tinha que fazer, arrumei uma minimoto de trilha do meu sobrinho, uma motosserra sem a corrente, só pra fazer barulho, e fui. Na hora que fui prender o Zeca Bacana, eu saí do palco e comecei a brigar com um dos meus irmãos (fazia parte da peça) ... as pessoas que estavam mais próximas saíram correndo achando que era verdade”.



Imagem 72: Ornamentação da entrada da comunidade
Foto: Acervo de Gleisson Junior, 2018



Imagem 73: Arraiá 2018
Foto: Acervo de Danielle Rocha

Em 2018, o elemento surpresa, foi na hora do grito “Que foto é essa?” (adaptação da música “Que Tiro foi Esse”, de Jojo Maronttinni, 2017), momento no qual os participantes da quadrilha se jogaram no chão e fizeram pausa para a foto, depois continuaram a dança.

Imagens 75 e 76:
Ornamentação
“Cantinho da
Roça” com
artefatos que
representam a
tradição e cultura
local



← Foto: Acervo
de Jucelia
Pereira, 2018

→
Foto: Acervo
de Danielle
Rocha, 2019



Imagem
70:
Margarida
Relata-rela
(Ysamara)
e Eberto

Foto:
acervo de
Eberto
Silva,
2014.



Imagem 71: Zeca Bacana e Margarida Relata-rela
Foto: Acervo de Gleisson Junior, 2015.



Imagem 74: A grande quadrilha - momento “Que foto é essa?” (2018)
Foto: Acervo de Gleisson Junior

Em 2020 não foi possível realizar a festa por causa da pandemia da COVID-19 em todo o mundo, mas os organizadores mantêm alta expectativa do retorno do evento, logo que possível, que deverá ocorrer em novo espaço.

A personagem Margarida Relá-relá é inspirada numa atividade típica da comunidade Santa Luzia. Uma mulher humilde, com muitos filhos que, para manter o sustento da casa, ou ao menos ajudar o marido, rala mandioca para a produção de farinha e polvilho.

Como é o caso da dona Odete Pereira, que já fez farinha de milho e de mandioca para ajudar o marido no sustento da casa e dos 13 filhos.



Imagem 77: Odete produzindo biscoito com a goma da mandioca (2020).
Foto: Danielle Rocha.

Hoje em dia é aposentada, mas continua a produzir derivados da mandioca, como a massa para fazer cuscuz e goma para biscoitos de polvilho para o consumo da própria família. Sua mãe, Geralda Pereira, também fazia farinha de milho e mandioca. Seu marido era “tropeiro”, vendia mantimentos e só ia em casa a cada dois meses.

Dona Odete descreveu como a farinha e o polvilho eram produzidos:

“nós tínhamos roça pra plantar mandioca e milho, elas eram separadas uma da outra. Eu e meus filhos mais velhos plantávamos todo ano na época de chuva [novembro] a mandioca e o milho. O milho [demora 3 meses para crescer e dá espigas boas] dá mais rápido que a mandioca, então nós fazíamos mais farinha de milho, dava pra fazer o ano todo porque a gente guardava o milho já seco”.

Dona Odete e seus filhos mais velhos colhiam o milho granado (duro), colocavam grande parte no paiol, e uma pequena parte ia para o monjolo de água para ser limpo e, em seguida, era colocado na água para ficar de molho por aproximadamente 3 dias. A seguir, era colocado novamente no monjolo para ser totalmente socado até virar uma massa lisa que era torrada no forno próprio para farinha.



Imagem 78: Monjolo de socar milho (2018)

Foto: Danielle Rocha.

Após todo o processo da lavagem, a massa de milho é levada ao forno de lenha em alta temperatura. Como a massa é colocada molhada, forma uma casquinha conhecida como beiju.



Imagem 79: Forno de farinha construído recentemente (2020)
Foto: Danielle Rocha.



Imagem 80: Beiju de farinha (2020)
Foto: Danielle Rocha.

A farinha é torrada com auxílio de um rodo pequeno de bambu e, após a torragem, ela é coada e empacotada.



Imagem 81: Mandioca colhida no quintal de um dos filhos de Dona Odete (2020)
Foto: Danielle Rocha

Nos dias de hoje, usa-se o desintegrador, que rala tanto a mandioca quanto o milho.

Imagem 82: Desintegrador automático.
Foto: Danielle Rocha

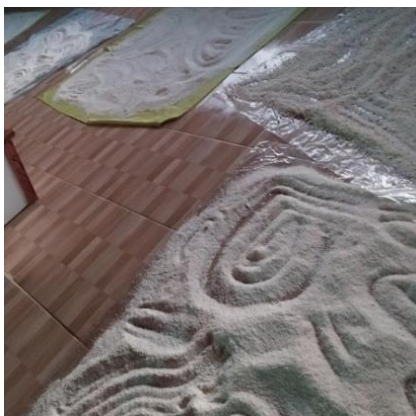


Imagem 83: Massa de farinha secando na varanda (2010)
Foto: Danielle Rocha

Dona Odete conta que, como a mandioca demora em média dois anos para ser colhida, quando se produzia era muita farinha de mandioca de uma só vez. Depois de colhidas, as mandiocas eram lavadas, descascadas e, naquele tempo, raladas em ralos de alumínio, normalmente feitos com latas de óleo.



Após ralada, a massa da mandioca torna-se líquida, sendo preciso coar e torcer em panos trançados. O processo é feito para de separar a massa do caldo, tendo o máximo de cuidado para que não caia massa no líquido. Logo, a massa é espalhada em panos para secar ao sol por aproximadamente 5 dias, para depois ser levada ao forno para torrar.

O caldo é guardado em baldes vedados por 4 dias para que “a água azede” e o polvilho contido neste líquido repouse no fundo. Então, o polvilho é removido do balde e colocado ao sol para secagem, assim como a massa. Porém, depois de dois dias secando, toda a goma é guardada, e sempre muito bem lacrada, pois segundo Dona Odete, “se deixar a goma aberta, o biscoito não cresce direito e não fica sequinho”.



Imagem 84: Cuscuz de mandioca (2020)
Foto: Danielle Rocha

Sua filha mais velha pretende continuar a produção de farinha de milho, assim como sua neta, que também não descarta a possibilidade.

Imagem 85: Monique, neta de dona Odete, participando da torra da farinha de mandioca no forno da Vânia, sua tia (2018)
Foto: Danielle Rocha

Com a massa da mandioca ainda molhada, pode-se preparar o cuscuz de mandioca. Para isto, adiciona-se farinha de milho, açúcar, manteiga, muita rapadura e muito queijo curado.



Virginópolis

A cidade do povo

Ana Luiza Braga Barroso
Loislene Ferreira da Silva
Maria Paula Ferreira dos Santos

Virginópolis é um município de Minas Gerais, localizado na região leste no Vale do Rio Doce.

Os primeiros habitantes da cidade foram os índios Botocudos ou Puris. A chegada dos homens brancos foi na data de 1839, mas os arquivos apontam que as primeiras famílias começaram a se fixar após 20 anos, vindas de São Miguel das Almas, atualmente denominada Guanhães. Não há muita clareza quanto às formas de aquisição dos terrenos, nem quanto ao que teria atraído estes moradores: as versões vagam entre a busca por minas de ouro e a facilidade de adquirir terras boas para agricultura e pecuária. Em 1862, deixa de ser povoado, sendo elevado à categoria de distrito com o nome de Patrocínio de Guanhães. Somente em 1910, iniciou-se um movimento de emancipação administrativa e, em 1924, foi elevado à condição de município, recebendo o nome atual²⁴. Seu nome foi dado em homenagem à Virgem Maria.



Imagem 86: Portal da cidade de Virginópolis
Foto: Print do Filme “Imagens aéreas de Virginópolis”²⁵

²⁴ IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Prefeitura Municipal de Virginópolis (MG). 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/virginopolis/historico>.

²⁵ Prefeitura Municipal de Virginópolis (MG). Disponível em: 2020. <https://virginopolis.mg.gov.br/2018/>.

Conhecida por ser a cidade da jabuticaba, por apresentar clima e solo propícios para o plantio da fruta, Virginópolis também é famosa pelo festival da jabuticaba, que normalmente acontece no segundo semestre do ano. O evento combina a tradição da produção de derivados da jabuticaba com muita música e outros costumes locais. A comercialização dos derivados da jabuticaba (geleias, pudim, licor, vinho, etc.) teve início com uma feira de produtores artesanais e alimentícios.

Dentre os belos monumentos de fé, destaca-se a Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio, localizada na parte central da cidade.

Outro monumento importante, que colocou Virginópolis no circuito da fé e do turismo das cidades do Vale do Rio Doce, é a Capela de Nossa Senhora do Patrocínio construída no terreno doado por Dona Maria da Penha Coelho, que ganhou relevância por sua gigante escadaria, construída em regime de mutirão.

Imagem 87: Igreja Matriz Nossa Senhora do Patrocínio.
Foto: Print do Filme “Imagens aéreas de Virginópolis”

A fabricação artesanal dos produtos feito através da jabuticaba começou através da mãe de Dona Júlia, que antes fabricava apenas para o consumo próprio, até ser chamada para participar de um festival e nunca mais parou. Dona Júlia aprendeu tudo com sua mãe e era conhecida como pioneira da cidade em fabricação artesanal, costume preservado pela família há mais de 50 anos. Após seu falecimento, a receita foi passada pra sua filha Maria Ângela Coelho, que mantém a tradição da família. O festival é organizado pela prefeitura municipal, e conta até hoje com os produtos elaborados pelas tradicionais famílias do município²⁶.



²⁶ BLOG. Minasgerais.com.br. Virginópolis (MG). 2019. Disponível em: <http://www.minasgerais.com.br/pt/eventos/virginopolis/festival-da-jabuticaba-1>.



“De longe, para quem não conhece, a escadaria parece um manto branco que se estende da entrada da capela aos pés da serra. Quando se chega ao primeiro degrau, a pequena igreja desaparece num convite para os corajosos, e de muito fôlego, que aceitam o desafio de reencontrá-la no alto” (MIGUEL, 2008)²⁷.

Imagem 88: Capela de Nossa Senhora do Patrocínio e sua escadaria.
Foto: Print do Filme “Imagens aéreas de Virginópolis”.

Além do trecho sobre a escadaria, o jornal “O Tempo” traz a entrevista com o padre holandês Pedro Daalhuizen que, junto com o ex-morador da cidade Walter Passos, tomou a frente do projeto da escadaria, que levou seis meses para ficar pronta. Conta o padre:

“Sentamos e decidimos que cada degrau representaria uma família ou pessoa que quisesse ajudar. Anotei cada nome numa lista, à medida que apareciam os colaboradores”.

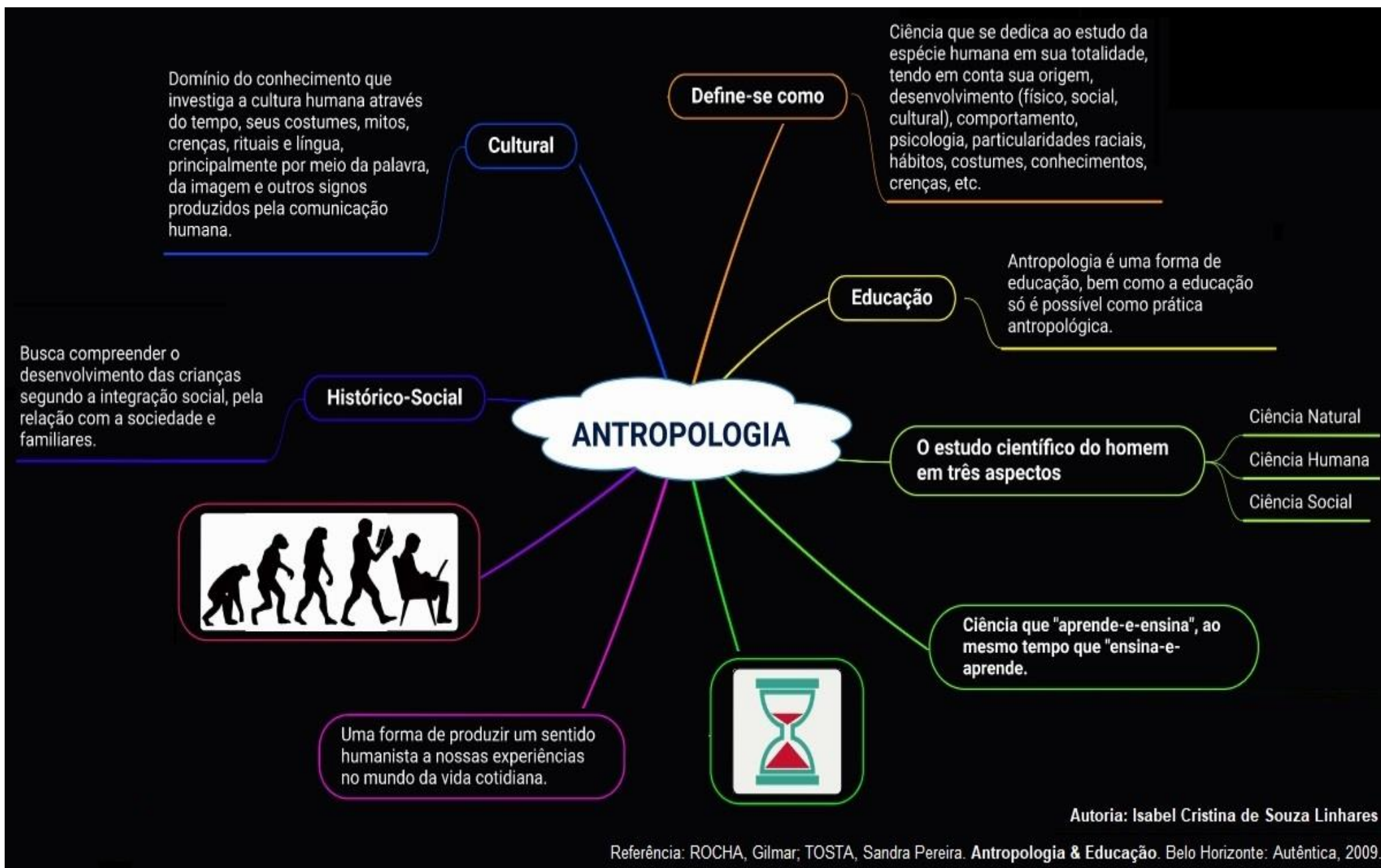
O Pároco explica que, diante da dificuldade dos idosos em subir o morro até chegar à Capelinha, foi iniciada uma campanha para doação de degraus para construção da escadaria. Cada morador doava materiais e muitos pedreiros se voluntariavam para o trabalho.

Em 2014, foi noticiada no jornal “Diário do Rio Doce” uma matéria intitulada “Fé e devoção em 511 degraus”²⁸, na qual afirma-se que Virginópolis possui uma das maiores escadarias de igreja do mundo, um monumento erguido em 1988 pelos próprios moradores.

²⁷ MIGUEL, Flávia Martins Y. Virginópolis vislumbra o caminho do céu. Jornal o Tempo, Cidades. Belo Horizonte, 15 de março de 2008. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/virginopolis-vislumbra-o-caminho-do-ceu-1.294096>.

²⁸ Jornal Diário do Rio Doce. Governador Valadares, 26 de outubro de 2014. Disponível em: <https://images.app.goo.gl/EYCMZvA1Va79cFWQ9>.

Considerações Finais





**INSTITUTO
FEDERAL**

Minas Gerais

Campus
São João
Evangelista